

— Já disse que é invisível. Não creio no mundo, nem no dinheiro, nem no progresso, nem no futuro da nossa civilização. Para que a humanidade tenha um futuro é necessário que uma grande mudança se dê.

— E qual seria o verdadeiro futuro?

— Deus sabe! Sinto qualquer coisa em mim, misturada com muita cólera. Mas o que é exatamente, não sei dizer.

— Quer que lhe diga? Quer que lhe diga o que você tem e os outros homens não têm?

— Fale.

— Coragem dos próprios sentimentos, coragem da ternura; essa coragem que o faz pôr a mão no meu rabo e dizer que tenho um magnífico rabo!

O risinho perverso desapareceu-lhe do rosto.

— É isso mesmo!

Refletiu uns instantes e disse:

— Sim, tem razão. É isso em tudo e também em minhas relações com os homens do exército. Era preciso manter com eles contato físico e não recuar. Era necessário tratá-los como seres físicos e dar-lhes um pouco de ternura, ainda que os fizesse sofrer a morte. Uma questão de intimidade, como disse Buda. Mas o próprio Buda recuou diante desta ternura física, que é o que mais vale, mesmo entre os homens de sadia virilidade. É o que os faz homens verdadeiros, e não simples macacos. Sim, é a ternura, é o interesse pelo cono. Sexo não passa de toque, contato, o mais íntimo dos contatos. E é desse contato que temos medo. Somos semiconscientes, semi-vivos. Temos que nos tornar conscientes e vivos. Sobretudo nós, ingleses, precisamos de mais contato uns com os outros, com um pouco de delicadeza e ternura.

Constance o encarava.

— Então, por que tem medo de mim?

Mellors demorou para responder.

— É o dinheiro que me amedronta, é a sua situação social! A sociedade que há dentro de você.

— Mas não encontra ternura em mim? disse ela com ardor.

Mellors olhou-a, com um olhar absorto.

— Sim, intermitentemente, como acontece comigo.

— Mas não admite que essa ternura seja duradoura? disse ela com ansiedade.

Mellors acalmava-se, fundia-se, perdia a sua expressão de defesa.

— Talvez, disse.

— Quero que me prenda nos braços, disse ela. Quero que me diga que se sente feliz com o nosso filhinho.

Tão ardente estava Constance, tão encantadora, que Mellors sentiu-se fundir por dentro.

— Vamos lá para o meu quarto, ainda que seja mais um escândalo.

Constance viu que ele novamente se deixava invadir pelo esquecimento do mundo, e que seus olhos brilhavam de ternura apaixonada.

Foram pelas ruas mais afastadas até Coburg Square. Seu quarto era em cima, pequena mansardá decente e muito em ordem. Cozinhava num fogão de gás.

Constance despiu-se e obrigou-o a fazer o mesmo. Estava encantadora no brilho da gravidez recente.

— Eu não devo tocar em você, disse ele.

— Não! Agarre-me e diga que me quer. Diga que vai ficar comigo! Diga que nunca me deixará, haja o que houver.

Constance colou seu corpo nu ao dele — esse único remanso que conhecia.

— Pois bem. Já que quer, ficarei com você, disse ele apertando-a ao peito.

— E diga que está contente do nosso filhinho, insistiu Constance. Beije-o. Beije o meu útero e diga que está contente de sabê-lo lá!

— Sempre tive medo de pôr crianças no mundo. Por causa do meu terror do futuro.

— Mas já pôs um. Já pôs um dentro de mim. Seja terno com ele e isso será condicionar o seu futuro. Beije-o!

Mellors estremeceu, sentindo a verdade daquilo. "Seja terno com ele que será condicionar o seu futuro." E o seu amor por aquela mulher recresceu. Beijou no ventre e no monte de Vênus, como o lugar mais próximo do útero onde estava o feto.

— Oh! Você me ama, sim! explodiu Constance num grito como aqueles seus gritos de amor, articulados e cegos.